

## Brasil fica para trás no ranking de oferta de ações entre emergentes

**Mercado de capitais** Sem IPOs e com poucas operações, país saiu da 3ª posição para a 7ª no ranking liderado por Índia e China

# Brasil perde posições em oferta de ações entre emergentes

Fernanda Guimarães  
De São Paulo

O ritmo animado de atividade no mercado brasileiro de renda variável fez o Brasil perder posições no ranking entre países emergentes. No ano até aqui, segundo dados da consultoria Dealogic, as ofertas de ações de empresas brasileiras movimentaram US\$ 2,1 bilhões, considerando também as vendas em blocos (os "block trades", pelo jargão de mercado).

Esse volume posiciona o país na sétima colocação entre as economias não maduras, lista atualmente liderada pela Índia, com US\$ 21,5 bilhões, seguida pela China, com US\$ 19,7 bilhões. Os dados consideram o acumulado do ano até o último dia 14. A participação do Brasil, considerando todo o contingente de emergentes, foi de 0,8%.

Em 2023, ano que já foi fraco para essa indústria, o Brasil ocupava a terceira posição entre os emergentes, com um volume de ofertas de ações de US\$ 9,5 bilhões entre janeiro e dezembro. A liderança ficou com a China, já em 2022, o Brasil foi o quarto colocado, atrás de China, Índia e Coreia do Sul, ainda de acordo com a Dealogic, que coleta dados da atividade do mercado de capitais globalmente.

Olhando apenas o mercado brasileiro, o volume financeiro das emissões neste ano representa queda de 50% ante o observado no mesmo período do ano passado, segundo a B3.

Enquanto isso, o país está perto de completar três anos sem ne-

nhuma estreia na bolsa local, algo não visto em ao menos três décadas. E, no mercado, aumenta a percepção de que as ofertas iniciais de ações (IPOs, na sigla em inglês) serão retomadas apenas em 2025.

Segundo fontes de mercado consultadas pelo Valor, a volatilidade do mercado brasileiro e a falta de visibilidade em relação à saúde fiscal do país têm ajudado a manter a alta aversão ao risco, algo que tem até mesmo afastado as ofertas de empresas já listadas, chamadas de "follow-on" ou subsequentes. Não há nenhuma operação desse tipo no país há cerca de dois meses.

No início do ano passado, depois da eclosão do escândalo da Americanas, o mercado ficou travado para ofertas subsequentes por dois meses, mas reabriu no segundo trimestre, quando empresas com necessidade de capital voltaram a acessar investidores. Agora, porém, a aversão ao risco tem feito companhias que precisam de ajuste em seus balanços optar por aumentos de capital privados.

Outro fator que tem afastado novas operações, segundo fontes que atuam nesse mercado, é a performance negativa das ações

**"Essa incerteza enorme leva a um compasso de espera"**  
Roderick Greenlees

das empresas que realizaram suas ofertas subsequentes neste ano — o que significa que investidores perderam dinheiro com a compra dos papéis.

A única oferta de peso esperada para o ano é a privatização da Sabesp, com potencial de movimentar mais de R\$ 15 bilhões. A operação, no entanto, deverá trazer um investidor estratégico, que comprará parte significativa das ações. A transação vem sendo desenhada com cuidado para driblar a volatilidade do mercado. No entanto, se a dinâmica for positiva, a expectativa é de melhora da atividade para o segundo semestre. De acordo com banqueiros de investimento, a oferta multibilionária tem concentrado os esforços do mercado e tirado espaço de outras ofertas, que devem com isso esperar para ir à rua.

Apesar da piora no cenário local, o chefe global do banco de investimento do Itaú BBA, Roderick Greenlees, diz que o fator juro americano é ainda o maior entrave para a retomada de ofertas de ações no país. O Federal Reserve, banco central dos Estados Unidos, tem postergado o início do afrouxamento monetário no país diante de sinais de que a economia americana continua aquecida.

Segundo Greenlees, o banco tinha, recentemente, dez "follow-ons" para executar, mas o aumento da volatilidade e a queda do preço das ações levaram os emissores a colocar as transações de volta na gaveta à espera de um momento mais propício. "Essa incerteza

enorme leva a um compasso de espera" afirma, lembrando que ainda pesa contra o fluxo de operações o fato de os fundos de investimentos ainda estarem sofrendo resgates. "Não tem dinheiro novo."

O executivo do Itaú BBA atribui às questões internas a piora da colocação do Brasil em relação à dos demais emergentes. No entanto, ele diz que é necessário pouco, além do início da queda dos juros americanos, para uma retomada das ofertas no mercado local. "Precisa de uma sinalização de que o governo está comprometido [com a questão fiscal]. Se houver esse compromisso, as ofertas voltam muito rapidamente", afirma.

Para o corresponsável pelo banco de investimento do Bank of America (BoFA) no Brasil, Hans Lin, com a atual volatilidade do mercado de vendas de ações em blocos tem ganhado espaço para driblar a maior aversão ao risco. "Estamos vendo um mercado de blocos mais ativos", afirma. Recentemente, lembra, o banco executou o bloco em que o fundo de private equity Carlyle vendeu o restante de sua participação na Rede D'Or, uma operação de R\$ 2,2 bilhões.

O executivo frisa que o mercado nos Estados Unidos segue bastante funcional com alta do valor dos ativos. "Os investidores estão focados no mercado americano, estão ganhando dinheiro, não precisam buscar mais risco", diz. Lin ressalta que os emergentes que estão se destacando e têm conseguido atrair capital de fora são Índia e México.



Lin, do BoFA, venda de ações em blocos ganha espaço para driblar aversão ao risco

O responsável pelo banco de investimento do Scotiabank, Victor Rosa, afirma que a atividade no Brasil está "refém" das taxas de juros americanas, com investidores sem motivo para colocar dinheiro na bolsa local. E sem uma notícia nova, o país segue à deriva, prestes a completar três anos sem um IPO. No México, a temática do "nearshoring"

(tendência de aproximação entre a produção e os mercados consumidores) tem movimentado as ofertas das empresas locais, com um ano que tem sido, segundo o executivo, bastante movimentado.

Segundo Rosa, o juro real no Brasil também não tem ajudado para levar uma migração da renda fixa para a variável, o que limita o fluxo de dinheiro novo. Do lado positivo, o executivo destaca o perfil das poucas ofertas, com empresas que acessaram o mercado em busca de capital para investir e não apenas para ajuste de balanço, que foi o grande mote das captações no ano passado.

**US\$ 2,1 bi**  
é o volume de ofertas de ações em 2024

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

**Seção:** Finanças **Caderno:** C **Página:** 3